

LEITURA NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS COM UMA TURMA DE PRIMEIRO ANO

IEDA MARIA KURTZ DE AZEVEDO¹; LEONARDO CAPRA²;
CRISTINA MARIA ROSA³

¹*Universidade Federal de Pelotas – kurtzieda @hmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – leonardocapra1 @hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – cris.rosa.ufpel @hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

No trabalho apresentamos a experiência de mediação literária desenvolvida em uma turma de primeiro ano na Escola Estadual de Ensino Fundamental Fernando Treptow, localizada na periferia de Pelotas. O objetivo do projeto tem sido promover a alfabetização literária – “processo deliberado, frequente e qualificado de apresentação da leitura, seus atributos e ritos” (ROSA, 2015, s/nº) – a todas as crianças que frequentam a escola e estão iniciando ou desenvolvendo suas habilidades no uso da leitura e da escrita e ainda não possuem o hábito da leitura literária.

O gosto pela leitura, a formação de um leitor literário, pode ocorrer desde muito cedo. Para isso é necessário um mediador, ou seja, pessoas que “estendem pontes entre os livros e os leitores” de acordo com Reyes (2010, p. 213). Esse adulto deve oportunizar que o leitor “estabeleça com o texto lido uma interação prazerosa”, de acordo com Paulino (2014, p. 177).

Para ofertar a leitura a sujeitos que ainda não detém a interação com livros, é preciso preparar-se anteriormente: utilizar critérios de escolha, conhecer as obras adequadas ao público ouvinte, selecionar um grupo de textos que capturem a atenção e oportunizem gostar de ouvir. De acordo com Rosa (2017, s/nº), “uma obra literária não tem a tarefa de informar, embora possa fazer isso; não tem como compromisso educar, apesar de poder”. Para a pesquisadora, “a obra literária tem compromisso com a imaginação, a emoção, a estética”.

Argumentando sobre o processo de ensinar a gostar de ler, Rosa (2015, s/nº) considera que “a alfabetização literária tem como pressuposto a atitude organizada, constante e qualificada de um mediador”, pois “não existe qualquer dúvida que gostar de ler é hábito adquirido e nada tem a ver com predisposição genética”, de acordo com Antunes (2011, p.5). Ao se formar um ouvinte, é grande a probabilidade que este se torne um leitor.

Para desenvolver o Projeto de Leitura Literária na Escola, optamos por nos inserir no cronograma da escola que prevê um dia da semana destinado a políticas de leitura. Nesse, os alunos dos anos iniciais, em sua turma, visitam a biblioteca. Para a seleção do que ler, nos inspiramos em experiências com o público infantil que tivemos em nossa atuação no GELL – Grupo de Estudos em Leitura Literária –, no contato e estudo de títulos pertencentes ao acervo do projeto e sugestões da orientadora.

2. METODOLOGIA

Vinculada ao recorte de pesquisa qualitativa que, tenta “entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem”

(AUGUSTO, SOUZA, DELLAGNELO E CARIO, 2013), o projeto Leitura Literária na Escola teve início com entrevistas com as crianças. O objetivo era observar e descrever o fenômeno, ou seja, saber se elas liam, o que liam, se gostavam de ler e se adultos liam para elas. Os dados de qualquer pesquisa dependem de fidedignidade, de “ser capaz de expressar o que os dados revelam” (ROSA, 2017).

O procedimento inicial adotado foi estabelecer contato com todos a fim de observar o que as crianças conheciam sobre literatura (obras, autores, enredos, desfechos, personagens e ritos como ler em voz alta, em silêncio, ouvir, reler, contar) e identificar os conhecimentos prévios em relação a leitura.

A forma de coleta dessas informações foi a gravação em áudio. Nós, licenciandos estagiários, sentamos no chão da biblioteca da escola, em círculo, junto aos pequenos e propusemos as seguintes questões: **a)** Que livros vocês conhecem? **b)** Conhecem livros de histórias? **c)** A professora lê para vocês? O que lê? **d)** Que personagens de histórias vocês conhecem? **e)** Costumam vir à biblioteca? **f)** Gostam de frequentar a biblioteca? **g)** Têm livros em casa? **h)** Alguém lê para vocês em casa? **i)** Gostam mais de ouvir as histórias ou ver as ilustrações? **j)** Lembram o nome de quem escreveu as histórias que ouviram? Após a degravação do áudio, analisamos as respostas das crianças para, então, definir as obras a serem lidas.

O projeto – oferta da leitura às crianças - iniciou em maio e deverá se estender até outubro de 2018. A primeira leitura oferecida foi *A lagartixa que virou jacaré*, de Izomar Camargo Guilherme, ainda no primeiro contato com as crianças. As demais obras lidas até o momento foram: *Não confunda*, de Eva Furnari; *Bilílico*, de Eva Furnari; *Quem sou eu*, de Gianni Rodari; *Os problemas da família Gorgonzola*, de Eva furnari; *A gente pode... a gente não pode...*, de Anna Claudia Ramos e Ana Raquel; *Como se fosse dinheiro*, de Ruth Rocha e *A rua do Marcelo*, de Ruth Rocha; *O bisavô e a dentadura*, de Sylvia Orthof e *O menino e seu irmão*, de Letícia Wierzchowski.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar as respostas das crianças, na investigação preliminar, percebemos que poucas delas tinham alguma referência – saberes prévios acerca de personagens de literatura. Porém, não ficou claro se esses saberes se referiam a livros apresentados à elas ou por adaptações para a televisão e vídeos. Os mencionados foram: Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos e Cinderela. Outras referiram-se apenas a personagens conhecidos como super-heróis tais como, Volverine, Homem de Ferro, Capitão América e João e Maria caçadores de bruxas.

No primeiro dia, lemos *A lagartixa que virou jacaré*, de Izomar Camargo Guilherme, que conta a história de uma pequena lagartixa que queria ser grande e forte como um jacaré. A escolha desse título deu-se pelo conhecimento da obra e a experiência de leitura com público infantil. Durante a apreciação da leitura, todos mativeram-se quietos, ouvindo atentamente, sem interferências, provavelmente por ainda não estarem familiarizados com esse momento e não termos construído uma afinidade com elas. De modo a não dispersar e capturar a atenção das crianças como ouvintes optamos, por apresentar apenas algumas ilustrações. Ao apresentarmos a da lagartixa com a “nova dentadura”, algumas das crianças manifestaram-se querendo mostrar também seus dentinhos, comparando-os com a ilustração. Outra que atraiu a atenção deles foi a “máquina”

que o personagem, *Dr. Sapão*, utilizava para transformar seus pacientes em jacarés, considerada por eles como “muito legal”.

Na segunda ocasião em que nos encontramos, questionamos se lembravam da história lida na semana anterior. Inicialmente referiram-se a algumas particularidades e, de acordo com nossas interferências, conseguiram retomar a história. Ainda nesse dia, lemos *Não confunda*, de Eva Furnari e uma pequena biografia bem humorada apresentada pela própria autora na última capa do livro.

Ocorreu uma interação efetiva com a obra e com os recursos de leitura que utilizamos: riam, se expressavam e, ao mesmo tempo, rapidamente, retomavam a atenção à leitura. Nossa maior surpresa ocorreu, no entanto, na semana seguinte: todos lembravam os personagens inusitados, apresentados na história escrita por Furnari. Ao perceber a entusiasmada aceitação e a cobrança por mais títulos da referida autora, para as próximas apreciações decidimos que a maior parte das obras ofertadas seria de Eva Furnari.

Em geral, as obras apresentadas – *A lagartixa que virou jacaré*, *Não confunda*, *Os problemas da família Gorgonzola*, *Agente pode... a gente não pode...*, *Como se fosse dinheiro*; *A rua do Marcelo*; *O bisavô e a dentadura* e *O menino e seu irmão* – foram bem recebidas, porém duas merecem destaque: *Bilílico*, de Eva Furnari, por ter sido referida pelos alunos como “muito curta” e *Quem sou eu?* de Gianni Rodari, por ser mencionada como cansativa e repetitiva. A experiência com a obra *O menino e seu irmão*, de Letícia Wierzchowski, lida para os estudantes já em nosso estágio docente, inserida no tema a ser trabalhado durante a semana, não foi positiva, não houve uma conexão com o conteúdo do livro, foi considerada por eles como “chata”. Ao final do texto a impressão, para eles, é que haverá um novo começo, momento em que se manifestaram dizendo: “de novo, não”.

4. CONCLUSÕES

O projeto desenvolvido semanalmente com o público infantil permite uma ampliação no repertório do leitor, do conhecimento teórico e das práticas de leitura. A necessidade de leituras prévias, preparo vocal e cênico além de reflexões acerca do que é tratado no livro exige mais do que simples leitura oral de uma narrativa. A interação entre o ouvinte e a narrativa oportuniza desenvolver o imaginário, criar fantasias e leva a inventar outras histórias.

As crianças, nossos ouvintes, foram cativadas pelo estilo de uma autora com seus personagens diferentes e inusitados e, ao serem perguntadas sobre quem imaginam que escreveu qualquer história, sempre se referem a ela, a que mais gostaram.

Nós, como aprendizes, entendemos que a experiência trouxe a compreensão da importância da leitura em todos os contextos sociais, de modo que a partir do conteúdo de uma obra podemos trabalhar temas do cotidiano das crianças de forma lúdica e natural, buscando o envolvimento e a vontade de aprender e descobrir o novo.

Na formação de professores é fundamental que se esteja sempre aprofundando nossas práticas de leitura. Tendo em vista que a sociedade e o conhecimento estão sempre avançando, devemos estar nos aperfeiçoando para que possamos possibilitar a formação de sujeitos pensantes, críticos, criativos e capazes de exercer sua cidadania.

Além disso, o ambiente onde realizamos a apreciação da leitura deve ser considerado adequado para tal, com silêncio e sem interferências que tirem o foco e atenção desse momento, que deve ser prazeroso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, C. SOUZA, J. DELLAGNELO, H. e CARIO, S. Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). In: Revista de Economia e Sociologia Rural. vol. 51 nº.4. Brasília Oct./Dec. 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032013000400007

PAULINO, Graça. **Saberes literários como saberes docentes**. Revista Presença Pedagógica v.10 n.59. set/out. 2004.

REYES, Yolanda. **Mediação Literária**. In: Glossário CEALE. Belo Horizonte: UFMG/FaE/CEALE, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/autor/yolanda-reyes>. acessado em: 25/08/2018.

ROSA, Cristina Maria. **Alfabetização Literária**. Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com/2015/06/alfabetizacao-literaria-o-que-e.html> acessado em: 25/08/2018.

ROSA, Cristina Maria. Critérios de escolha e de relevância de obras literárias infantis: um estudo. **Afabeto à Parte**. Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com/2017/07/criterios-de-escolha-e-de-relevancia-de.html>. Acesso em: 06/09/2018

ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. RJ: Objetiva, 2005.